

APRENDIZAGEM EM UM MUNDO GLOBALIZADO: A LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

Wanda Maria Campello dos Santos¹
Clóvis Trezzi²

RESUMO

A gestão da aprendizagem não é fácil, especialmente no mundo contemporâneo. Este, seguindo a lógica da globalização que internacionalizou o mercado de trabalho, passou a exigir da escola uma ênfase em um segundo idioma e na cultura internacional. Este artigo, utilizando pesquisa bibliográfica, busca em teses, dissertações e livros, bem como na legislação educacional brasileira parâmetros para discutir as dinâmicas de aprendizagem da língua inglesa no Brasil. O objetivo é identificar desafios e alternativas para o ensino e a aprendizagem de língua inglesa a partir de escritos selecionados e publicações sobre o assunto, dialogando com a questão: que alternativas existem para potencializar o ensino e a aprendizagem da língua inglesa na educação básica? Conclui-se que é necessário dar prioridade ao ensino de inglês, sem descuidar dos demais componentes curriculares. O bilinguismo é uma possibilidade de trabalho que permite que isso aconteça.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem. Língua inglesa. Bilinguismo.

LEARNING IN A GLOBALIZED WORLD: The English Language in Brazilian Basic Education

ABSTRACT

Managing learning is not easy, especially in the contemporary world. Following the logic of globalization, which has internationalized the job market, it has come to demand that schools place greater emphasis on a second language and international culture. This paper, using bibliographic research, draws on theses, dissertations, and books, as well as Brazilian educational legislation, to establish parameters for discussing the dynamics of English language learning in Brazil. The objective is to identify challenges and alternatives for English language teaching and learning based on selected writings and publications on the subject, addressing the question: what alternatives exist to enhance English language teaching and learning in basic education? The conclusion is that English teaching must be prioritized, without neglecting other curricular components. Bilingualism is a viable approach that enables this to happen.

Keywords: Teaching and learning; English language; bilingualism

¹Mestre em Educação pela Universidade La Salle de Canoas/RS - Brasil; Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0008-9957-2020> E-mail: wanda.202312425@unilasalle.edu.br.

²Doutor em Educação pela Universidade La Salle de Canoas/RS – Brasil. Professor na Universidade La Salle. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5682-6579>. E-mail: clovis.trezzi@unilasalle.edu.br.

APRENDIZAJE EN UN MUNDO GLOBALIZADO: el idioma inglés en la educación básica brasileña

RESUMEN

La gestión del aprendizaje no es fácil, especialmente en el mundo contemporáneo. Este, siguiendo la lógica de la globalización que internacionalizó el mercado laboral, pasó a exigir de la escuela un énfasis en un segundo idioma y en la cultura internacional. Este artículo, mediante una investigación bibliográfica, recurre a tesis, disertaciones y libros, así como a la legislación educativa brasileña, para establecer parámetros que permitan discutir las dinámicas del aprendizaje del idioma inglés en Brasil. El objetivo es identificar desafíos y alternativas para la enseñanza y el aprendizaje del inglés a partir de escritos seleccionados y publicaciones sobre el tema, dialogando con la siguiente cuestión: ¿qué alternativas existen para potenciar la enseñanza y el aprendizaje del inglés en la educación básica? Se concluye que es necesario dar prioridad a la enseñanza del inglés, sin descuidar los demás componentes curriculares. El bilingüismo es una posibilidad de trabajo que permite que esto ocurra.

Palabras clave: Enseñanza y aprendizaje. Idioma inglés. Bilingüismo.

INTRODUÇÃO

O mundo globalizado exige cada vez mais da educação escolar, especialmente no que tange aos conteúdos a serem aprendidos e às avaliações internacionais que se mostram complexas. Ao mesmo tempo, encontramos no Brasil uma redução nos índices de aprendizagem. Um dos grandes desafios da escola nos dias de hoje é encontrar uma equação solucionável para este problema que parece longe de ser resolvido.

Boa parte das escolas de gestão privada, especialmente aquelas mais caras, estão apostando no bilingüismo como uma forma de atrair alunos, mas também de inseri-los no mercado de trabalho, que está cada vez mais competitivo, restritivo e internacionalizado. A educação bilíngue é uma modalidade de ensino que utiliza dois idiomas para aprimorar os processos de ensino e aprendizagem. O uso dos dois idiomas pode se dar tanto no currículo inteiro ou apenas em programas que reforçam o uso da segunda língua. Muitas vezes, o ensino bilíngue utiliza o inglês por ser este um idioma de fácil aceitação no mundo todo.

A realidade das escolas públicas é diferente. Em boa parte delas, há defasagem inclusive na aprendizagem de língua portuguesa, o que gera um desafio muito grande quando se trata de desenvolver as habilidades necessárias para falar uma língua estrangeira. Outras dificuldades aparecem, como a falta de professores ou de material didático adequado.

A ideia para este artigo surgiu a partir de uma pesquisa para a realização de uma dissertação de Mestrado em Educação. Para realizar essa dissertação, fez-se um levantamento de teses e dissertações defendidas no Brasil entre 2019 e 2023, definindo-se para início da coleta de dados o ano da promulgação da BNC-Formação (Base Nacional Comum para a Formação de Professores da Educação Básica), que define as diretrizes para a formação de professores no Brasil.

O objetivo geral do presente trabalho é identificar desafios e possíveis alternativas para o ensino e a aprendizagem de língua inglesa a partir de escritos selecionados e publicações sobre o assunto. A pesquisa busca dialogar com a seguinte questão: que alternativas existem para potencializar o ensino e a aprendizagem da língua inglesa na educação básica?

São apresentados como objetivos específicos: a) identificar pesquisas publicadas sobre o ensino de língua inglesa na educação básica; b) Descrever abordagens teóricas sobre o ensino e a aprendizagem da língua inglesa na educação básica a partir das pesquisas selecionadas; c) identificar os desafios e possíveis alternativas para o ensino e a aprendizagem de língua inglesa no ensino médio a partir das pesquisas selecionadas.

A metodologia adotada neste artigo permite dialogar com o problema de forma mais livre. Para o aporte teórico foram selecionadas dissertações e teses defendidas no Brasil, bem como textos publicados por pesquisadores na área de linguagens. O critério para a seleção dos materiais consultados foi o enfoque na aprendizagem de língua inglesa na educação básica, de forma propositiva.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este trabalho se configura como uma pesquisa bibliográfica, conforme já apontado na introdução. A pesquisa foi feita na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) através seguinte endereço eletrônico: <https://bdtd.ibict.br/>. Foram buscadas teses e dissertações defendidas entre 2019 e 2024. O ano de início foi definido a partir da publicação da BNC-Formação de professores.

Para o levantamento dos dados utilizados neste artigo, foi feita uma pesquisa no dia 20 de maio de 2025 na referida biblioteca digital, usando o descritor “Ensino da Língua Inglesa na educação básica”, colocando como limitador o período de 2019 a 2024. Foram encontrados 497 trabalhos, todos em língua portuguesa. A seguir, colocando-se o descritor entre aspas para purificar a pesquisa, foram encontrados 11

resultados, sendo 09 (nove) dissertações e 02 (duas) teses. Para o artigo, partiu-se deste resultado.

Como critério de seleção das pesquisas, buscou-se trabalhos que tratassem diretamente do ensino da língua inglesa na perspectiva do mundo globalizado. A seleção foi feita a partir da leitura dos resumos e das palavras-chave. Desse filtro, resultaram três trabalhos: uma tese (Veiga, 2022) e duas dissertações: Oliveira (2021) e Reichert (2024).

Outros dois trabalhos (Souza, 2012 e Szezecinski, 2018) foram utilizados como instrumento de trabalho, mas puramente como complemento teórico, por não se encaixarem no critério temporal. Além desses autores, foi consultada a legislação brasileira a respeito do tema, especialmente a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996). Outros documentos foram consultados, conforme consta nas referências.

Os dados coletados foram analisados a partir de uma perspectiva histórica. Inicialmente foram lidos os resumos de todas as pesquisas levantadas, até chegar ao número final de 03 (três). Todas foram lidas e seu conteúdo separado em quatro eixos, que formam os subtópicos deste artigo. Os quatro eixos delimitam as categorias de análise, conforme proposto por Bardin (2011). O artigo é o resultado da análise do material coletado, redigido em forma de discussão teórica.

Os outros autores, que estão devidamente citados e referenciados neste texto, complementam o arcabouço teórico do artigo, que se divide em quatro partes, seguindo um esquema ensaístico. Na primeira, se trabalha a questão da internacionalização da aprendizagem, com um breve estudo histórico acerca da sua necessidade e da maneira como a língua inglesa se estabeleceu como idioma internacional. Na segunda, se aborda os aspectos culturais e interculturais da língua inglesa. A terceira parte se dedica a compreender como a língua inglesa aparece na educação brasileira e a quarta apresenta o bilinguismo como um caminho possível para fortalecer a aprendizagem deste idioma.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética, portanto o que se apresenta aqui é puramente o tratamento dado pelos autores aos dados coletados.

DESENVOLVIMENTO

As ideias apresentadas a seguir são fruto da leitura dos autores selecionados, bem como de algumas teses e dissertações utilizadas na pesquisa de Mestrado. Discute-se a evolução da necessidade de se aprender um idioma estrangeiro, bem como se justifica a importância da aprendizagem de língua inglesa no Brasil, sem perder o enfoque necessário nos demais conteúdos curriculares.

Ganham destaque aqui as pesquisas de Szezecinski (2018) e de Veiga (2022), que discutem o tema na perspectiva do bilinguismo. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também foi consultada, bem como outros autores que ajudam a compreender melhor o assunto, e que estão citados no decorrer do trabalho.

A internacionalização da aprendizagem

As relações comerciais sempre foram internacionalizadas, mesmo antes da europeização do mundo. As principais civilizações da Antiguidade surgiram à margem de rios justamente para favorecer o comércio, e isso potencializou a aprendizagem da matemática, da leitura e da escrita, bem como as trocas culturais – e de epidemias, diga-se de passagem.

Na história dos países, ocorreram ou ocorrem períodos mais ou menos nacionalistas, a depender do contexto. Muitas vezes o nacionalismo exacerbado tem o efeito de impedir a “contaminação” da economia e da cultura locais. Essa ideologia pode dificultar o acesso da população à cultura e idiomas internacionais.

A invasão de outros países para expansão territorial é comum desde tempos imemoriais. Exemplos não faltam, como o Império Romano, as Cruzadas, as invasões dos mouros à Europa cristianizada, a expansão marítima dos séculos XV e XVI, etc. Em todos os casos, o mais forte – normalmente o invasor - impunha a sua cultura e seu idioma, sem se preocupar em aprender os sistemas locais, uma vez que a ideia era dominar.

A Revolução Industrial que iniciou no século XVIII abriu caminho para outro tipo de relações entre os países. Hobsbawm (2005) afirma que esta revolução não teve um fim, mas iniciou na Inglaterra em meados do século XVIII com elementos básicos como o tear e continua acontecendo hoje, de formas mais avançadas e com outras tecnologias. Diz ainda Hobsbawm (2005) que no século seguinte os Estados Unidos já tinham superado a Inglaterra e estava ficando claro para o mundo que eles seriam um sério competidor com os ingleses.

A Revolução Industrial favoreceu a expansão do capitalismo e do comércio internacional. Como nas situações de invasão/ocupação territorial antigas e medievais, um idioma, um modelo econômico e uma cultura sobressaem: a mais forte. Nesse caso, aos poucos o Inglês, tanto por parte da Inglaterra como também (e principalmente) dos Estados Unidos, assim como seus modelos culturais e econômicos, passaram a fazer parte de toda a realidade ocidental e até mesmo oriental.

As relações internacionais ficam mais fáceis quando existe um idioma e uma cultura em comum. Diferentemente do passado, quando era suficiente umas poucas pessoas, que comercializavam com outros países, conhecerem o idioma umas das outras, ou então os habitantes dos países ocupados aprenderem o idioma e a cultura do país invasor, o século XX especialmente viu crescerem os meios de produção internacionalizados. A globalização, que se desenvolveu já no último quadrante do século XX, favoreceu isso. Em muitos casos, já não se compram manufaturas dos outros países, mas a produção é feita de forma integrada. Com isso, torna-se necessária também uma nova aprendizagem.

No século XVII, com o surgimento da escola moderna, passou-se a priorizar a aprendizagem no idioma nativo. Até então, por ser a Igreja Católica a dominante no mundo ocidental, estudava-se latim por padrão. João Batista de La Salle (1651-1719), educador francês, foi pioneiro em substituir uma língua universal pelo vernáculo. Isso porque, segundo ele, “A leitura do francês é de utilidade muito maior e mais universal que a do latim. [...] ela é incomparavelmente mais fácil de ser aprendida que a latina por meninos que entendem aquela mas não compreendem esta”. (La Salle, 2012, p. 31). O argumento de La Salle naquele século era simples: para o dia a dia, as crianças da França não precisavam de um idioma estrangeiro, mas tinham que dominar bem sua língua pátria.

A compreensão mudou com o avanço da modernidade. O idioma estrangeiro universal deixou de ser o latim ou o francês para dar espaço para a língua inglesa. A expansão do comércio bem como a internacionalização da produção industrial passou a exigir que, além de conhecer bem o idioma nativo, os estudantes aprendessem um segundo idioma que, pelos motivos acima elencados, logo se tornou o inglês, tornando-se este idioma uma língua franca ou mesmo um segundo idioma em grande parte dos países do mundo.

No Brasil, como em muitos países onde o inglês não é língua nativa, existe uma valorização do idioma. Segundo Pennycook (2007, p. 103), citado por Souza (2012):

[...] para aqueles que já falam inglês, o valor econômico da língua se traduz diretamente em melhores oportunidades na educação, negócios e emprego. No entanto, para os que precisam aprender inglês, particularmente os que não têm acesso a um ensino de alta qualidade, a propagação do inglês apresenta um obstáculo para a educação, emprego e outras atividades que exigem a proficiência em inglês.

Dessa maneira, o inglês considerado língua franca desempenha um papel fundamental em situações de comunicação entre os falantes de diferentes origens, envolvendo diversos recursos linguísticos. A língua inglesa, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é definida como língua franca e tem o papel de mediação em práticas sociais. Esta estabelece:

Por sua vez, a Língua Inglesa, cujo estudo é obrigatório no Ensino Médio (LDB, Art. 35-A, § 4º), continua a ser compreendida como língua de caráter global – pela multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções na contemporaneidade –, assumindo seu viés de língua franca, como definido na BNCC do Ensino Fundamental – Anos Finais. Naquela etapa, além dessa visão intercultural e “desterritorializada” da língua inglesa – que, em seus usos, sofre transformações oriundas das identidades plurais de seus falantes –, consideraram-se também as práticas sociais do mundo digital, com ênfase em multiletramentos. Essa perspectiva já apontava para usos cada vez mais híbridos e miscigenados do inglês, característicos da sociedade contemporânea. Do mesmo modo, a relevância da língua inglesa na mediação de práticas sociais e interculturais, individuais e de grupo, orientou o início de sua aprendizagem, focalizando o processo de construção de repertórios linguísticos dos estudantes. (Brasil, 2018, p. 484).

A internacionalização da aprendizagem, ou seja, a necessidade de ir além do contexto cultural do próprio país, tem como foco o crescimento do Brasil em nível internacional, mantendo a capacidade de competir com outros países em termos comerciais, industriais e científicos. Visa, ainda, dar condições aos estudantes de compreenderem melhor o contexto em que vivem e conseguirem melhores condições de trabalho, tendo em vista que parte do mundo de produção e pesquisa exigem conhecimento de inglês e até mesmo intercâmbio em países de língua inglesa.

Aspectos culturais e interculturais da língua inglesa

Por ser reconhecida como um dos idiomas mais falados no mundo, a língua inglesa passou a ser usada como uma ferramenta importantíssima para a comunicação intercultural. Essa situação permitiu que ela fosse vista como uma forma de expressar uma grande diversidade de culturas e valores de diferentes partes do

mundo. Através do idioma, é possível acesso a outras tradições, hábitos e modo de vida de pessoas na maioria dos países do mundo.

De acordo com Santos (2019, p. 32), a expressão “educação intercultural” surgiu a partir da década de 1980, devido a uma perspectiva crítica na educação que trazia à discussão questões como as relações de poder, fatores econômicos e políticos, transmitido principalmente pelos estudos de Paulo Freire. A expressão pode ser caracterizada pela tentativa educacional de compreender e superar conflitos entre uma cultura e outra, permitindo o diálogo entre elas.

O estudo da língua inglesa é mais que um aprendizado de uma língua estrangeira, é o conhecimento e a prática de culturas de outros países, de expressões idiomáticas de diferentes regiões, permitindo uma comunicação entre povos de diferentes países.

Sobre a língua inglesa, Leffa (2001, p. 342) afirma que:

É a língua estrangeira mais estudada no mundo. Há uma série de fatos que contribuem para isso, entre os quais podemos destacar os seguintes: (1) o inglês é falado por mais de um bilhão e meio de pessoas; (2) o inglês é a língua usada em mais de 70% das publicações científicas; (3) o inglês é a língua das organizações internacionais. A razão mais forte, no entanto, é o fato que o inglês não tem fronteiras geográficas. Enquanto que o chinês, por exemplo também é falado por mais de um bilhão de pessoas, a língua chinesa está restrita à China e alguns países vizinhos. O inglês, por outro lado, é não só declaradamente a língua oficial de 62 países, mas é também a língua estrangeira mais falada no mundo: para cada falante nativo há dois falantes não- nativos que a usam para comunicação. O inglês é, provavelmente a única língua estrangeira que possui mais falantes não nativos do que nativos.

Os aspectos socioculturais são de extrema importância no que diz respeito ao relacionamento entre pessoas das mais diferentes culturas e comunidades linguísticas, uma vez que aprender uma língua estrangeira não significa apenas o reconhecimento de regras gramaticais ou a aquisição de um novo vocabulário, mas o mais significativo é o de conhecer a cultura de outro povo.

Portanto, passa a ser essencial compreender o ensino da língua inglesa através de uma abordagem intercultural, tendo em vista as diversas dificuldades enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa, que muitas vezes, ocorre pelo fato do aluno não conhecer a cultura na qual o idioma está inserido, causando uma desmotivação na sua aprendizagem da língua de forma geral.

A BNCC apresenta a língua inglesa na categoria de língua intercultural como prioridade para sua função social, legitimando a prática de falantes do mundo inteiro e não somente dos que são considerados falantes nativos. Mediante isso, os novos alcances do ensino da língua inglesa e dos demais componentes curriculares no Brasil

provêm das políticas construídas e elaboradas com base na educação de países da cultura hegemônicas.

Segundo Silva (2019), com relação ao ensino da língua inglesa, o pensamento crítico se faz presente e assume um papel essencial na construção do aprendizado através da interculturalidade. O aluno passa a conhecer e interagir com outra cultura, sem esquecer suas experiências individuais.

(..) o ensino de língua estrangeira sob uma perspectiva intercultural apresenta uma ótica que valoriza as diferentes experiências e vivências dos alunos, viabilizando, assim, por meio, da interação com outros saberes, a co-construção do aprendizado. (Silva, 2019, p. 159).

Durante o processo de ensino e aprendizagem do inglês, é essencial apresentar aos estudantes as variantes encontradas no idioma, assim como trazer às aulas temas que possam abranger as situações e questões sociais pertinentes a cada cultura. Isso permite ao aluno se conscientizar sobre a função do inglês como idioma globalizado e seus aspectos.

O cenário educacional brasileiro pede transformações no que diz respeito ao ensino da língua inglesa na educação básica. A mudança deve iniciar na sala de aula, cabendo ao professor apresentar propostas de ensino que contemplem a interculturalidade do idioma.

É necessário engajamento de todos os envolvidos na educação para colocar em prática um ensino intercultural da língua inglesa, destinando a escola, juntamente com os docentes e discentes, buscar novas formas e métodos de integração e realinhar o ensino do inglês a partir de um fator que valorize a diversidade cultural.

O processo de mudança expõe a responsabilidade de assumir riscos e a aceitação e superação do erro nem sempre são viáveis. Levar em consideração uma abordagem crítica e reflexiva da educação para a cidadania global permite tanto ao professor como aos alunos arriscarem novas formas e métodos, além da prática educacional, tornando possível a possibilidade de obter êxito na aprendizagem.

Diante do contexto, a língua representa um item social da linguagem e sua função social está diretamente ligada à cultura. A língua transmite a ideologia de uma sociedade e, assim, não deve ser analisada fora de seu contexto social e de suas condições de produção.

Santos (2019) declara que a língua é cultura. A partir desse ponto, pode-se considerar que ela expressa realidades sociais ao mesmo tempo em que as cria. Assim, os estudantes podem e devem modificar a realidade através do uso da língua.

Para isso, a cultura não deve ser reconhecida como uma simples informação coberta pela linguagem. A conscientização cultural deve ser entendida como uma capacitação para a proficiência na língua e ainda como resultado da reflexão sobre essa proficiência linguística.

Dessa forma, diante de um mundo globalizado e conectado, o inglês se consolida como língua franca para comunicação internacional, permitindo a interação com todos os cantos do mundo e a circulação de informações que colaboram na construção de debates e discursos globais.

A língua inglesa na educação brasileira

A língua inglesa é reconhecida e usada como a língua global por diversos países, tanto nas áreas de negócios, tecnologia, ciência e educação. Isso faz com que o idioma necessite de políticas públicas, no intuito de contribuir para a inserção de cidadãos no mercado de trabalho, permitindo a ampliação do acesso ao conhecimento e a facilitação da comunicação intercultural.

As línguas estrangeiras se fazem presentes no sistema educacional do Brasil desde meados do século XVI. Com relação à Língua Inglesa, o idioma começou a fazer parte do currículo educacional brasileiro a partir do século XIX, porque a influência da língua foi grande no cenário mundial, devido à sua necessidade na contribuição de formar cidadãos melhores preparados para atuar na sociedade e no mercado de trabalho. (Oliveira, 2021, p. 26)

Entretanto, o ensino oficial de línguas estrangeiras no Brasil iniciou-se no ano de 1837 com a inauguração do colégio Pedro II, localizado no estado do Rio de Janeiro, incluía o ensino das línguas clássicas: latim e grego, e as línguas modernas: francês, inglês e alemão, todas eram consideradas estudo obrigatório, apenas o ensino do italiano era considerado facultativo. (Oliveira, 2021, p. 26).

Com a Lei Francisco Campos, de 1931, se privilegiou o ensino das línguas estrangeiras modernas. Foi colocado no currículo como obrigatório o ensino de inglês, francês e latim, e o alemão como opcional. A não obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira foi estipulada pela Lei 5692/71: “Em qualquer grau, poderão organizar-se classes que reúnam alunos de diferentes séries e de equivalentes níveis de adiantamento, para o ensino de línguas estrangeiras e outras disciplinas, áreas de estudo e atividades em que tal solução se aconselhe.” (Art. 8º, § 2º).

Em 20 de dezembro de 1996, foi publicada a atual Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9.394/96), que tornava obrigatório o ensino de Língua Estrangeira Moderna a partir dos anos finais do ensino fundamental. Estabelece:

Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir do 6º ano, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição. (Brasil, 1996).

Com isso, o ensino da língua inglesa passou a ganhar notoriedade e reconhecimento dentro do contexto educacional do Brasil, devido ao fato do idioma ter sido escolhido para integrar o currículo da Educação Básica e compor as grades curriculares de algumas instituições de ensino.

A BNCC caracteriza a língua inglesa não somente como um componente curricular, mas como uma maneira de conexão dos conteúdos com os saberes linguísticos inerentes a um idioma intercultural. É compreensível que, através de práticas pedagógicas diferenciadas, possibilitem-se aos alunos experiências vinculadas ao contexto internacional, permitindo a eles uma abertura para novas realidades, perspectivas e oportunidades do mundo globalizado na atual sociedade.

De acordo com BNCC, o aprendizado da língua inglesa permite a expansão dos repertórios linguísticos, multissemióticos e culturais dos estudantes, permitindo o desenvolvimento mais amplo da consciência e reflexão críticas das funções e usos do inglês na sociedade contemporânea – possibilitando a investigação com mais criticidade dos motivos pelos quais ela se tornou uma língua de uso global. Assim:

Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias. (Brasil, 2018, p. 241).

A aprendizagem da língua inglesa representa um saber importante diante dos desafios propostos pelas grandes transformações econômicas, culturais e históricas. Ela permite ao estudante usar o idioma para aprofundar a compreensão sobre sua realidade de vida, permite que explore novas perspectivas de estudo, obtenha mais informações, auxilia na exposição de ideias, argumentos, opiniões e na necessidade de lidar com conflitos e críticas, além de contribuir com outras ações. Dessa maneira, o estudante desenvolve a habilidade de ampliar sua capacidade discursiva e reflexiva em diferentes áreas do conhecimento.

Durante o ensino médio, devido à contextualização da prática de linguagem, o estudante é desafiado a explorar a multiplicidade do uso da língua inglesa na cultura digital, em casos de estudo e pesquisa, na sua vivência pessoal e profissional, permitindo que ele se aproxime de outros grupos de estudantes multilíngues e multiculturais, tendo a língua inglesa como forma de integração entre ambos.

No desenvolvimento da aprendizagem do inglês, os estudantes são capazes de identificar o caráter fluido, dinâmico e particular dessa língua, como também as marcas identitárias e de singularidade de seus usuários, integrando essas implicações em suas vivências com outras formas de organizar, dizer e valorizar o mundo e de construir identidades. Fatores como nível de proficiência ou domínio da língua são substituídos por noções que abrangem o universo discursivo nas práticas situadas dentro dos campos de atuação. Assim, os estudantes podem divulgar e compartilhar informações e conhecimentos por meio da língua inglesa, como também agir e posicionar-se criticamente na sociedade, em âmbito local e global.

Na dissertação de Szezecinski (2018, p. 58), encontramos que a aprendizagem da língua inglesa exige algumas estratégias, que irão auxiliar no processo de aquisição do idioma. Essas estratégias são fundamentais para o aprendizado linguístico, pois funcionam como ferramentas para manter a ligação ativa de sua aprendizagem, ajudando no desenvolvimento das competências comunicativas. As estratégias são denominadas de “habilidades de aprendizagem” ou “habilidades de pensamento”.

Segundo Szezecinski (2018), a utilização de estratégias durante o processo de aprendizagem da Língua Estrangeira está conectada ao alcance e proficiência da língua do aprendiz. Os alunos que usam estratégias com frequência durante a aquisição da língua inglesa usufruem de um alto nível de autoeficácia. As estratégias da memória, permitem os alunos criarem conexões entre conceitos e objetos estudados dentro da Língua Inglesa, sem ter uma total compreensão do conceito ou objeto. A estratégias sociais, existem da interação de uns com os outros durante a utilização do discurso. Está presente este tipo de estratégia em atitudes de questionar o professor para obter confirmações sobre pontos de conflito no conteúdo, na realização de alguma atividade relacionada a língua inglesa, diálogos com nativos desse mesmo idioma e no reconhecimento dos fatores que possam ser explorados culturalmente e socialmente.

Também existem as estratégias afetivas, que estão relacionadas aos sentimentos, motivações e atitudes dentro da aprendizagem. O ato de saber identificar o nível de ansiedade dentro da sala de aula, dialogar sobre sentimentos e reconhecer os méritos do aluno durante seu bom desempenho, é considerado uma estratégia afetiva. Por último, estão as estratégias de compensação ou de comunicação, que focam no uso oral da língua, apresentando características de criação de suposições do contexto de uma determinada atividade de escuta e leitura, e uso de gestos ou palavras pausadas como forma de conhecer seu contexto. (Szezecinski, 2018)

Dessa maneira, percebe-se que as estratégias de aprendizagem que visam a língua inglesa auxiliam seus aprendizes a conhecer novas informações ao seu conhecimento pré-existente nas estruturas mentais. Conforme os alunos vão avançando nos estudos da língua inglesa, vão desenvolvendo suas próprias interpretações e formas de entendimento dentro da aprendizagem.

O reconhecimento da aprendizagem está significativamente relacionado aos conhecimentos prévios que o aprendiz traz para a sala de aula, a partir de suas vivências anteriores. O significado exposto de um conteúdo de ensino passa por um processo ativo de apoio sobre conceitos pré-estruturados na mente, condição indispensável para que um tema ou conteúdo possa ser interpretado como de relevância, de significação, e, desta forma, a aprendizagem possa ocorrer mais consistentemente.

O bilinguismo na educação brasileira

Para além da aprendizagem de língua inglesa como componente curricular, conforme previsto na BNCC, nos últimos anos vem se consolidando, especialmente em redes privadas de educação, o bilinguismo como modo de aprender um segundo idioma. Este já existia em muitas escolas com a expansão do uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e o seu reconhecimento linguístico, ou então na educação dos povos indígenas. Contudo, ele se manifesta principalmente através da utilização da língua inglesa como idioma utilizado na nas dinâmicas de ensino e aprendizagem.

Veiga (2022), em sua tese de doutorado, explora o assunto. A pesquisadora destaca que bilinguismo não é exatamente a mesma coisa que educação bilingue. Bilinguismo pode ser definido como “a habilidade de uma pessoa processar duas línguas quando ela interage com os seus pares no seu contexto social” (Williams;

Sniper, 1995, p. 33. Tradução nossa). Podemos falar em educação bilíngue quando esta interação se dá no contexto escolar de forma sistematizada e intencional.

A educação bilíngue vai além do ensino de língua estrangeira, pois esta deixa de ser um mero componente curricular para se tornar parte do cotidiano escolar em outras áreas do conhecimento, bem como em momentos não curricularizados, como os recreios e reuniões. Ela exige conhecimento da língua estrangeira por todos ou pela maioria dos membros da comunidade escolar.

De acordo com Veiga (2022, p. 63),

Essa possibilidade pode trazer ao aluno experiências de aprendizagem nas duas línguas, fortalecendo seu repertório de acessos e de possibilidades no uso do idioma. Nessa perspectiva, competências e habilidades são requeridas para desenvolver os processos de ensino e de aprendizagem diante das demandas do século XXI.

Para Reichert (2024, p. 20), o bilinguismo na escola é “uma consequência natural da internacionalização da sociedade contemporânea”. Essa afirmação tem razão de ser considerando as necessidades da dita sociedade conforme apresentado neste artigo. Estas necessidades são impulsionadas “pela globalização, pela revolução nas comunicações eletrônicas, pelo aumento das migrações voluntárias e pela revitalização de línguas minoritárias”. (Reichert, 2024, p. 20).

Isso está de acordo com a BNCC, que diz ser importante:

Tratar usos locais do inglês e recursos linguísticos a eles relacionados na perspectiva de construção de um repertório linguístico, que deve ser analisado e disponibilizado ao aluno para dele fazer uso observando sempre a condição de inteligibilidade na interação linguística (Brasil, 2018, p. 242).

Trata-se de realizar um processo de interação entre a língua portuguesa e a língua inglesa, e não de ensino em inglês. Isso reforça a inter e a multiculturalidade defendidas pela BNCC. Morato, Ferreira e Pereira (2020, p. 199) dizem que

Um programa bilíngue com um objetivo linguístico e cultural de transição é aquele que usa a língua e a cultura nativas do aluno apenas na extensão necessária para o aprendiz adquirir habilidades com a segunda língua e, assim, operar com o currículo regular, tratando a língua estrangeira como ferramenta no ensino dos conteúdos escolares de outras disciplinas. Em outras palavras, o currículo escolar não muda, apenas ganha a língua estrangeira como mais uma aliada.

Embora seja um fenômeno recente, o bilinguismo ganha forma e se desenvolve em um período no qual conhecer um idioma estrangeiro, especialmente o inglês, não é mais uma possibilidade, mas se torna uma necessidade. As tecnologias digitais e aplicativos de tradução simultânea podem facilitar a comunicação interlinguística, mas não superam a fluência em um idioma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início deste trabalho, desde a ideia de elaborar o tema, surgiu de muitos questionamentos e situações vividas nas realidades da sala de aula. Este trabalho não apresenta uma única verdade ao refletir o ensino e a aprendizagem da língua inglesa no ensino médio, mas serve para mostrar a importância que o idioma carrega para o seu ensino e aprendizado na vida em sociedade, especialmente na contemporaneidade.

Atualmente, ser professor no Brasil é um desafio, uma escolha difícil a todo aquele que decide seguir com a profissão. Depois da leitura e análise do material selecionado para este artigo, pode-se entender que em diversos autores é premente a questão da valorização da educação. Essa valorização inclui os professores, os estudantes, o espaço escolar, assim como todos os envolvidos no ensino educacional. O profissional da educação precisa e deve ser olhado de forma mais humana, política e social. Os alunos merecem ser respeitados com escolas organizadas, limpas, equipadas tecnologicamente, para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem; professores qualificados e bem remunerados.

É necessário tornar o processo de ensino e aprendizagem significativo para que o aluno e a escola possam refletir contra um ensino mecanicista, que não ajuda no desenvolvimento das potencialidades dos saberes. Os conteúdos de ensino que são consistentes no saber sistematizado e historicamente acumulado são instrumentos capazes de agregar conhecimento.

O grande desafio dos professores que lecionam a Língua Inglesa na educação básica é o de criar meios e situações didáticas que possam estimular o interesse de seus alunos pelos conteúdos da disciplina. O ensino tradicional do Inglês, que ainda está presente em muitas escolas, mostra-se ineficaz e não considera os reais interesses e as necessidades dos alunos.

O ensino da Língua Inglesa no Brasil está embasado nos processos de internacionalização do mundo contemporâneo. Nessa direção, a ideia de gestão de internacionalização inclusa na prática pedagógica no ensino de língua estrangeira na educação básica exerce um papel complexo no que diz respeito às limitações exigidas pela própria distribuição da carga horária e planejamento das grades curriculares da língua inglesa como disciplina ministrada, onde os objetivos não são direcionados para o alcance do ensino e da aprendizagem do idioma.

Assim sendo, a escola precisa buscar formas de definir as suas práticas e alinhar com as maneiras de participação e interação entre os estudantes e o ambiente escolar, tanto presencial como virtual, para identificar saberes linguísticos, assimilar as aprendizagens e prosseguir com os estudos visando a construção e desenvolvimento das capacidades de mobilização dos saberes. Isso porque os saberes ajudam na ampliação dos horizontes dos alunos e auxiliam também nas oportunidades de socializações, criando novas formas de participação no mundo.

A pesquisa apresenta possíveis limitações. A principal delas é o fato de não se poder falar de ensino da língua inglesa de forma padrão para todo o território nacional, que é muito grande e desigual. A desigualdade educacional impacta qualquer resultado de pesquisa que tente descrever uma temática que envolva o sistema educacional como um todo. Assim, não se pode falar de bilinguismo como uma saída para a aprendizagem de língua estrangeira em todo o sistema educacional nacional. Da mesma forma, é difícil exigir prioridade no ensino de língua estrangeira quando há dificuldades até mesmo no ensino da língua portuguesa.

De qualquer forma, consideramos que a escola, independentemente das possíveis falhas presentes no sistema educacional, deve garantir aos seus estudantes a possibilidade de sonhar com um futuro e de desenvolver competências necessárias para o ingresso e permanência com qualidade no mercado de trabalho ou no empreendedorismo. Para isso, deve se adequar às necessidades históricas. Não pode se apegar às eventuais fraquezas, mas buscar superá-las em busca de qualidade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 16 jun 2025.

BRASIL. **Decreto 19.890, de 18 de abril de 1931**. Lei Francisco Campos. Dispõe sobre a organização do ensino secundário. Rio de Janeiro, 1931. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-norma-pe.html>. Acesso em: 08 jun 2025.

BRASIL. **Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 08 jun 2025.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 08 jun 2025.

HOBBSAWN, Eric. **A era das revoluções**: Europa 1789-1848. 19ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

LA SALLE, João Batista. Memória em favor da leitura em francês. In: **Obras Completas de São João Batista de La Salle – vol I**. Canoas: Unilasalle, 2012, p. 31-33.

LEFFA, Vilson. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, Vilson. (Org.). **O professor de línguas estrangeiras**: construindo a profissão. Pelotas (RS): Educat, 2001, p. 333-355.

MORATO, Rodrigo A.; FERREIRA, Rafaela C.; PEREIRA, Cláudio A. Perspectivas de ensino bilíngue de inglês na educação básica brasileira. **Educação em debate**, Fortaleza, ano 42, n. 83, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/58275/1/2020_art_ramoratorcferreira.pdf. Acesso em: 08 jun. 2025.

OLIVEIRA, Luiza de Almeida. **Ambiente virtual de aprendizagem de língua inglesa: formando alunos autônomos no ensino médio**. 2021. 162f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bauru, 2021.

PENNYCOOK, Alastair. The myth of English as an International Language. In: MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair. **Desinventing and Reconstituting Languages**. Clevedon: Multilingual Matters, 2007. p. 90 -115.

REICHERT, Angélica Hackenhaar. **Programa bilíngue We Are La Salle**: possibilidades e desafios para o desenvolvimento de habilidades e competências no ensino fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação). Canoas: Universidade La Salle, 2024. 117f.

SANTOS, Daiana Sales de Freitas. **A disciplina de Língua Inglesa no Ensino Médio Integrado**: perspectivas de desenvolvimento de uma consciência intercultural crítica. Olinda, PE: O autor, 2019.

SILVA, Flavia Matias. O ensino de língua inglesa sob uma perspectiva intercultural: caminhos e desafios. **Trabalhos Em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 58, n. 1, p. 158- 176, jan./abr.2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/4xfG8MrF5LPr6bP78G5z65h/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SOUZA, Rosângela Conceição. **Letramento crítico**: um auto-olhar sobre os preconceitos das “minorias sociais” em busca de uma prática libertadora. 2012. 189f. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

SZEZECINSKI, Antonio Filipe Maciel. **Estratégias utilizadas por adultos na aprendizagem de língua inglesa**: ultrapassando barreiras linguísticas. 2018. 158f. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2018.

VEIGA, Célia de Fátima Rosa. **A trajetória bilíngue em uma escola de educação básica**: Contexto emergente da aprendizagem em língua inglesa. 2022. 194f. Tese (Doutorado em Educação). Canoas: Universidade La Salle, 2022.

WILLIAMS, James D.; SNIPPER, Grace C. **Literacy and Bilingualism**. New York: Longman, 1995.

Recebido em: 10.05.2025
Aprovado em: 10.08.2025